

CONCURSO

ESCUITA

poética

A arte roraimense em
tempos de pandemia





Você tem a liberdade de:

Compartilhar

Copiar, distribuir e transmitir a obra.

Remixar

Criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:

Atribuição

Você deve creditar a obra da forma especificada pelo autor ou licenciante (mas não de maneira que sugira que estes concedem qualquer aval a você ou ao seu uso da obra).

Uso não comercial

Você não pode usar esta obra para fins comerciais.

Compartilhamento pela mesma licença

Se você alterar, transformar ou criar em cima desta obra, poderá distribuir a obra resultante apenas sob a mesma licença, ou sob uma licença similar à presente.

Universidade Federal de Roraima

Reitor

José Geraldo Ticianeli

Vice-reitor

Silvestre Lopes da Nóbrega

Pró-reitor de Assuntos Estudantis e Extensão

Gilson de Souza Costa

Diretora de Extensão

Selmar de Souza Almeida Levino

Coordenadora de Cultura e Eventos

Flávia Ávila Santa Rita

Diretor da Editora da UFRR

Fabio Almeida Carvalho

Coordenador de Comunicação

Roni Petterson de Miranda Pacheco

Concurso Escuta Poética - Edição 2021

Comissão Organizadora

Flávia Ávila Santa Rita

Selmar de Souza Almeida Levino

Francilene Cardoso da Silva

Comissão Julgadora

Veronica Prudente Costa

Luciana Marino do Nascimento

Rosidelma Pereira Fraga

Mirella Miranda

Design Editorial

Otávio Coelho

Organização do E-book

Flávia Ávila Santa Rita

Veronica Prudente Costa

Selmar de Souza Almeida Levino



CONCURSO

ESCUTA

poética

A arte
roraimense
em tempos
de pandemia



Coletânea de Poemas

Organização do E-book
Flávia Ávila Santa Rita
Veronica Prudente Costa
Selmar de Souza Almeida Levino



Apresentação

O Concurso Escuta Poética surgiu como uma resposta ao Censo Cultural realizado em 2019. Por meio desta pesquisa junto à comunidade pudemos mapear as linguagens artísticas não atendidas pelas ações realizadas pela Universidade Federal de Roraima (UFRR) e elaborar o atendimento a esta demanda.

Após pesquisas, propostas e discussões entendemos que atrair o olhar do público com um concurso que envolvesse uma premiação e um produto efetivo, que é o e-book de poesia com os 20 poemas mais bem colocados, seria uma excelente maneira de iniciar o diálogo com artistas literários especialistas e amadores do nosso país.

O edital teve um alcance nacional e teve uma boa recepção pelos poetas locais e de outros estados que tanto enviaram seus poemas escritos quanto gravados em vídeo. Foi possível observar as mais diversas interpretações, criativas e profundas, uma vez que a temática propunha a expressão dos sentimentos dos artistas em tempos de pandemia.

O momento pandêmico nos pareceu interminável e doloroso, e ainda o é. Contudo, da arte poética emerge a habilidade de trazer beleza e resistência à dor.

Os artistas de todas as áreas de atuação se sentirão representados nas palavras deste breve, porém, precioso livro, uma vez que viram suas atividades e eventos serem extintos sem data prevista para retornar. Se esta dor mundial se tornará eterna nos anais históricos da humanidade, e, certamente se tornará, que ao menos em nosso universo de contribuição cultural seja feito com a beleza da alma poética.

A visão da Coordenação de Cultura da UFRR é promover a integração constante entre entes artísticos, comunidade acadêmica e público em geral por meio de ações, programas e projetos de extensão visando à expressão criativa, colaboração pacífica e respeito entre todos os envolvidos, contribuindo, assim, para o bom convívio social.

Flávia Ávila Santa Rita
Coordenadora de Cultura da UFRR



CONCURSO

ESCUTA

poética

A arte
roraimense
em tempos
de pandemia



Premiados

1º Lugar

Poema - Destarte resistência

Autora - Raquel Batista de Oliveira Campos

2º Lugar

Poema - O gosto de um tabefe

Autor - Ricardo Lima Moura

3º Lugar

Poema - No Meio do Caminho Tinha um Túnel

Autor - Marcelo Perez Maciel



Sumário

- 8 Destarte resistência**
Raquel Oliveira
- 10 O gosto de um tabefe**
Ricardo Lima Moura
- 13 No Meio do Caminho Tinha um Túnel**
Marcelo Perez Maciel
- 15 Poema Sem Título**
Francisco José Farias de Freitas (Neto Freitas)
- 16 Amanhecimento**
Ságila Farhat
- 19 Ladeira do Sol**
Francisco Lucas de Sousa
- 21 Refúgio**
Fagner Augusto Camelo de Almeida
- 22 Retratos pandêmicos**
Thabata Tuane Nogueira de Oliveira Cardoso
- 23 Jejum**
Andrea Estevam Dias
- 25 O novo normal**
Raimunda Oliveira Rodrigues Mendes
- 29 O Resgate Pela Arte**
Luiz Eduardo de Carvalho
- 30 Desabafo de um poeta**
Wandersa Andressa da Silva Sousa
- 32 Mergulho**
Victor Luccas Maffei Costa
- 34 Baile de máscaras**
Vitor de Lerbo Carvalho
- 36 Dualismo**
Paula Fernanda Sampaio de Sales
- 38 Sol**
Sicagbo Donald Akenou
- 40 Pandemia na Terra de Makunaima**
Maria Lúcia da Silva Brito
- 43 A vida que não vivi**
Jéssica Julie Pedrosa Melo
- 45 Águas Passadas**
Vitória Katherynne da Costa Holanda
- 48 Eterna**
Maria Gilciara Araújo Lopes

Destarte resistência

Raquel Oliveira

Sufocada no lar
de máscara a se reinventar
É ela, tão viva, não há de morrer

O canto abafou-se
na boca tampado, moldado; branco, preto, estampado
Foi-se como aquele que evapora
em suas mãos a passar
Mas ela, teimosa, há de aguentar.

Ah que tristeza os palcos deixar
Mas ela, irrequieta, ninguém vai parar
“Live” a fazer, qual “live” vai ser?
“Live” é nos cantos ou prantos, livre viver
O tom do artista embargada sua voz
cantou numa tela e ninguém podia ver

Boa Vista tão quente, o calor de seu público
tampouco sentiu
e ele, o artista, de frio partiu ou de solidão
Sorriso tampado, abraço apertado?
Não! Não! Silêncio dobrado!

No luto ou sem ar, só ela tão viva
nos faz alegrar
Pintura,

Teatro,
na dança o compasso
Quadrilha? Não mais haverá!

Pra música, nem palco.
Dançar agarrado não pode rolar
Tristeza que arde, o artista sem arte
só há de chorar

A voz da esperança é canto Macuxi
E ela tão viva como um Rio que Branco só há de fluir
E ela revive
Renasce
Insiste: - Vai sobreviver.
Agora à sua sina
Pandemia reclina
e a arte, menina, não há de morrer!

Sobre a autora

Raquel Batista de Oliveira Campos

Boa Vista/RR

Natural de Barbacena, Minas Gerais, sou pedagoga e professora da educação básica. Escrevo desde os 16 anos, nunca participei de nenhum concurso literário. Não tenho nenhum livro publicado, essa é a primeira vez que divulgo um poema. A arte me move na vida, na profissão e no mundo. Convicta e filha de pais analfabetos que me ensinaram a ler a vida, escrever é um ato de loucura nesse mundo globalizado, entretanto insisto em seguir o encanto desse delírio.

O gosto de um tabefe

Ricardo Lima Moura

Mais um dia comum
De um boa-vistense magnata
A tapioca, o pão, o café e a fé
No trânsito dessa capital pacata

Passo pela Nenê, pelo Garimpeiro
Mas mal noto que estão ali
Vou a viagem toda pensando aonde devo ir
Tudo é tão rápido e vem tão 'devarinho'
Seguir o dia apressadamente faz parte
Ter tempo para apreciar arte? Imagine!

De súbito eu sou surpreendido
Impalpável, cruel e bandido
Um inimigo que não posso ver
Consigo o isolamento infernal
A paciência escorre rápido,
Pelo nariz de tanto padecer

De repente o Tempo estava no meu quarto, intacto
Caçoando de mim
O Tempo ria-me dizendo "bem empregado"
Para um curumim engaiolado
Te sobra bastante de mim, estou errado?

Não mais com tom de deboche, o Tempo me pergunta
“Por que tanta correria? Por que não só para e aprecia?”
Inocente, bobo e desorientado me pego respondendo “não sei”
Mas a verdade é que nunca havia pensado em fazê-lo
Emocionar-me com as peculiaridades,
Peculiares sentimentos criados pelas emoções...
Dentro de mim não imaginava tal venustidade

Foi quando eu quase xinguei o Tempo
“Mas por que diabos só me dou conta disso agora?!”
Ele me retruca dizendo: “cínico”
E eu devolvo: “antes atrasado do que acorrentado”

Hoje percebo que a bisca que levei por ir de ré
Só foi um aviso para eu me aperceber
De quem deixei de cumprimentar
Pelas pressas de ao compromisso comparecer
Das obras que estão despidas
Para o inconsciente poder apreciar
Para sentir a eletricidade do artista
Que deixa pelo caminho da boa vista
Pedacões de si para qualquer um interpretar

A manifestação do que um dia foi um pensamento
É só mais uma forma de sacanear
Quem vive puxando briga com o Tempo
Que no fim de tudo é só um amigo
E não ter tempo para arte degustar
É por dentro e por inteiro se estrangular
Por isso ele; que nem a música MPB, do seu jeito
Só quis gentilmente e na malemolência,
Me fazer perceber a importância
Que sem arte eu enlouqueceria
E me afogaria na minha própria ignorância

Sobre o autor

Ricardo Lima Moura

Mucajá/RR

Natural de Boa Vista, Roraima, estudante de psicologia, ator e locutor publicitário. Escrevo desde os 16 anos. Não possuo livros publicados, porém possuo um livro em andamento. Não participei de nenhum concurso literário.

No Meio do Caminho Tinha um Túnel

Marcelo Perez

Vejo uma luz no fim do túnel
rabiscada com carvão em papel canson.
Embora insistam ser a letra L,
frase clichê,
tentativa poética sem oxigênio e sem respiração.
Tempos difíceis...
Mergulhado em telas, tintas e letras,
diante desta Roraima arregaçada de belezas,
tento pintar palavras
menos pálidas,
menos cruas,
menos menos.
Férteis frases frívolas,
quando lidas,
tornam-se lindas flores coloridas
em meio a tanta tristeza desses últimos dias.
É uma pedra essa vida pandêmica!
Este vírus que tanto bate
até que um furo
seja capaz de erguer um muro.
E enquanto no meio do caminho
a arte for o meu escudo,
eu,

que nunca me esquecerei,
que nunca te esquecerei,
como pedra, mastigo e cuspo,
reinvento, dou sentido ao luto,
na esperança de um dia
todo o mundo, no fim do túnel,
só enxergar poesia.

Sobre o autor

Marcelo Perez Maciel

Boa Vista/RR

Natural do Rio de Janeiro. Exerce a atividade de revisor. Escreve desde os 17 anos. Tem quatro livros publicados e um texto teatral publicado e participou de três concursos.

Poema Sem Título

Neto Freitas

[engole esse choro]
engoli e as lágrimas petrificaram no estômago

borboletas mortas
úlceras

[engole esse choro]
engoli um nó
desfiz o nó para usar a corda

peguei a corda
explodi

poeira estelar
espaço vazio
pulmão sem ar

amanhã o sol será fogo

incinerados queimaremos
à luz do dia

nossas cinzas
serão vagalumes ao anoitecer

Sobre o autor

Francisco José Farias de Freitas

Boa Vista/RR

Natural de Boa Vista, Roraima. Exerce atividade de poeta, produtor de livros artesanais e professor de português como língua de acolhimento. Escreve desde os 12 anos. Tem dois livros publicados e participou de três concursos literários.

Amanhecimento

Ságila Farhat

Os tempos de pau-Brasil, olha esse mundo pequeno!
a estória de Iracema de Alencar
as pinturas de Carmézia Emiliano
os eu-líricos de Rosidelma
retratos da América do Sul
entrando de ponta a ponta
Ao Norte do outro lado do mundo
tem rio, tem pedra, tem igarapé,
tem doença, tem medicina, tem cura
Mas ainda há muita gente viva virando as costas
indo do Alto do Bomfim ao Uiramutã
em esquecimento
E é tão visível a beleza dos horizontes equatoriais!
o vento batendo poente a poeira
dessa terra quente, do pé-de-moleque, do cupuaçu e do buriti
Os encantos da cidade em pleno século 21
envolta por um fastio de silêncio do que se põe e se observa
um povo só em silêncio, os curumins ao vento com medo de
sonhar
e com medo do silêncio
os corpos que se espantam distantes

os encontros, os amores, os olhares
cada vez mais raros
não insistem no que ainda vale a pena de ser visto
O encalço oculta-se no meio da multidão
a boca miúda sem o grito que espanta, cessa
as ausências, o medo
o medo atravessando a ponte trôpega de lá pra cá
o medo de antes e o medo de agora
o medo do desconhecido que ainda ameaça anoitecer
mas não era assim no início,
Os que andam soltos nas calçadas em Pacaraima
pintam as imagens na tela branca acinzentada
rememorando, esperançosos, os laços de outro país
ainda o mesmo
Alguns sabem as dores e as vidas dos que andam a pé
os olhos malvistos refugiando-se em fronteiras
choram os jovens, os artesãos, as mulheres
Ah, haja pouco santo pra tanta coisa!
Mas ainda há as palavras que buscam os tempos de antes
murmurando que para a vida, há poesia
a linguagem das origens universais

escapam do que não pode ser dito
os versos de Ely Macuxi ecoando sons e cores
cores vivas encobrendo o sol firme que não sossega mais
ninguém
Boa Vista que o diga!
Há tempo para as memórias que se deslizam imperfeitas
os artistas que olham atentos a beleza do que vale a pena de ser
visto,
apesar do peito angustiado
tudo que faz, um pouco de si mesmo põe o homem,
e mesmo que se prepare para a morte,
dos tempos que escolhem os que morrem e os que vivem
ainda sim, se vê livre
Do que desejo, do que estimo
é a história contada que presente o que é dessa terra,
que amanhece e é viva.

Sobre a autora

Ságila Farhat

São Paulo/SP

Natural de Rio Branco, Acre. Atualmente é graduanda do último ano do curso de psicologia, realizando estágio na área de psicologia educacional. Escreve poemas desde os 10 anos de idade, mas sem publicação. Não tem livros publicados e participou de quatro concursos literários.

Ladeira do Sol

Francisco Lucas de Sousa

“O Sol por sobre o Céu se pôs
No Abraço do Mar”
Disse assim meu poema

Do Alto da manhã de sexta
Descortinei meus olhos
Abri as portas de uma casa alugada

Desci e subi pela encosta
Senti o Vento contra o meu rosto
Não vi as ondas alcançando a praia

Entrei pela porta dos que oram
Segui o corredor dos que padecem
Cheguei aonde a Esperança todos os dias renasce

Com as mãos enluvadas
Toquei em rostos com lágrimas
Vi meu reflexo em seus olhos molhados

Contei nos dedos a sua respiração
Prescrevi calado a minha pulsoterapia
Paliei em mim os anseios que eu já não podia

Terminei meu papel de receitas velhas
Voltei com o corpo menos pesado
Mas ouvi uma última queixa:

“Para curar os outros, te puseste a pé
Mas para curar a ti próprio, não te dispuseste ainda”
Também dizia o poema

Esperando um novo dia
Me deitei a sós mais cedo
Dormi com a rima do meu sorriso apagada

Mas por sorte acordei a tempo
De ver uma nova Esperança batendo à porta
E entender que a tristeza é um estado transitório

“Para aqueles que sofrem
Existe sempre um propósito”

“Existe sempre uma faísca
Indicando um caminho pros teus atos”

E assim se fez sábado

Sobre o autor

Francisco Lucas de Sousa

Natal/RN

Médico paraibano formado em 2017, atualmente residente em neurologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Escreve poesia e prosa poética desde 2010, com dois livros de inéditas publicados: Meia Taça de Vinho (2014) e Brasa (2019).

Refúgio

Fagner Camelo

Então ele chegou
Invisível
Horizontal
Rápido
Mortal.
Todos sorrindo livremente na rua
Era meio sarcástico
Usam as suas máscaras
Que não eram de plástico.
A minha mente era o refúgio
Daquilo que parecia presságio
A sociedade mostrando sua face
E do inferno, era mostrado um estágio.
O tempo passou
O relógio parou
Pessoas se foram
Só a dor ficou.
Então eu só queria que tudo isso fosse embora
Notável
Vertical
Lento
Vital.

Sobre o autor

Fagner Augusto Camelo de Almeida

Boa Vista/RR

Exerce a atividade de Interlocutor Comunitário no Instituto Pirilampus. Escreve desde os 11 anos e participou de 7 concursos literários.

Retratos pandêmicos

Thabata Tuane

Veja bem...
Faz um mal tempo por aqui
Chove todos os dias
E os olhos das pessoas estão inundados
Os narizes estão entupidos
Os ouvidos estão esgotados!
As ruas silenciosas de alegria
Os pássaros cantam apenas o seu destino
E o dia acontece quase pro obrigação
Mas...
Entre sorrisos abafados sobram os olhares
Para a saudade de quem parte
Só resta a vida pela arte
E se não fossem as canções
Como estariam os corações?
Unidos corações
Todos os que clamam por novos ares
Quem sabe não sejam silenciados
E faça logo um novo tempo
De corações mais falantes e sorrisos liberados

Sobre o autor

Fagner Augusto Camelo de Almeida

Boa Vista/RR

Natural de Boa Vista/RR. Estudante. Escreve desde os 17 anos. Não possui livros publicados e participou de 3 concursos literários.

Jejum

Andrea Estevam Dias

A Xamã orientou-me a fazer jejum de redes sociais.
Logo na quarentena!
Xamã, eu que era voyeur desse espaço
Depois da reclusão
Pulei a janela e passei a despir-me
palavra por palavra, pronomes, advérbios, preposições...
Fiquei em pelos!
Achei que me sentiria exposta.
Foi o contrário!
Quem diria que despida das palavras guardadas
me sentiria mais honesta, franca, amando e amada!
Compreendi o poeta Eliakin, quando disse certa vez
Que o artista não espera aprovação e nem aplauso.
A arte nos sai, nos brota, salta à boca, voa em verso,
Verso atrevido que pouco se importa!
Quer sair à rua, conhecer pessoas,
Adentrar um coração,
Quem sabe até virar canção!
E depois ficamos como uma mulher após o parto,
Cansada, contemplativa, feliz, mas também desentalada!
A xamã levantou, segurou minha mão
Levou-me para fora e pediu:
Olhe para as estrelas,
Agora olhe para você
O que vê?

Eu respondi com a força da minha militância:
Minha pele preta!
Olhe novamente para as estrelas.
E eu o fiz.
Quando olhei de volta tinha o colo estrelado...
Não sei se a enigmática mensagem da Xamã entendi,
Mas nos dias transcorridos
Vi meu colo florido, ensolarado, chuvoso e nublado.
Teve um dia que vi um arvoredos
E no outro um céu por um pássaro riscado!
Deixei de ser poeta para tornar-me tela?!
Agora tenho alma em aquarela!
Ontem no banho vi uma rima de saudade em minhas coxas,
Nos meus seios surgiram canções antigas de minha avó,
Do meu ventre soneto salteado e de cór!
Só sei que neste jejum em prosa
Escrevo de corpo inteiro
Ou das palavras virei canteiro?

Sobre a autora

Andrea Estevam Dias

Boa Vista/RR

Natural de São Luís, Maranhão. Trabalha como Mediadora de Leitura e Arte Educadora na Biblioteca Pública do Estado de Roraima. Escreve desde os 14 anos. O primeiro concurso que participou foi a Antologia Poesia Agora, da Editora Trevo, onde seu primeiro poema foi publicado

O novo normal

Raimunda Oliveira Rodrigues Mendes

O mundo foi surpreendido
E um vírus terrível apareceu.
Tudo começou na China.
E de lá, o mesmo se estendeu.

E com isso novos tempos chegaram.
Mudando o que era normal.
Tudo decreto foi suspenso.
E houve distanciamento social.

distanciamento nunca foi bom.
Pois, somos seres sociais.
Criados para viver em grupos.
Perto de nossos iguais.

Mas para evitar o COVID19.
O distanciamento tem comprovado.
Os que a ele aderem.
O mal pior tem evitado.

Há quem disso reclama
E não usa o tempo a seu favor.
Desfrutando de sua família.
Projeto de Deus, o Criador.

O medo tem nos cercado.
A ansiedade muito mais.
Há incerteza sobre o amanhã.
Diante de tantos males.

A educação dos pequenos.
Ah! Quão difícil se tornou.
Papai e mamãe tentaram.
Mas essa arte é do professor.

O ensino remoto chegou
Com ele o desafio aumentou
Jovens e adultos estudando.
Na frente do computador.

E lembramos com saudades
Das aulas cheias de calor.
Com abraços e risadas.
E o olhar do terno professor.

Raimunda O. Rodrigues Mendes
Na saúde o caos não foi menor.
E o SUS também falhou
E mesmo quem tinha recursos.
Seu ente querido sepultou.

O vírus não teve preferência.
Da criança ao idoso, levou.
Não importando formação ou status.
Se analfabeto, atleta ou doutor.

Profissionais de segurança.
Tentam evitar a aglomeração.
Dia e noite estão nas ruas.
advertindo a população.

Diante disso tudo.
Cientistas do mundo inteiro estudou.
Buscando uma solução viável.
Para o problema que o vírus causou.

E com isso veio a vacina.
Tão esperada pela nação.
Produzida em tempo recorde.
Para simples testagem na população.
A pandemia nos mostrou.
Que é tempo de reflexão.
Quanto vale o dom da vida?
E a companhia do irmão?

E eu quero que passe logo.
E que venham os apertos de mãos.
Sorrisos sem máscaras.
E olhares de gratidão.

Que possamos daqui por diante.
Compreendermos nossa missão.
Valorizando mais a vida.
E praticarmos a compaixão.

Sobre a autora

Raimunda Oliveira Rodrigues Mendes

Boa Vista/RR

Natural de Atalaia do Norte, Amazonas. Formada em Pedagogia e Psicologia, atualmente exercendo a função de professora especialista em Educação Especial, na rede municipal de ensino. Participação na Campanha por Mais Mulheres Escritoras e-book, volume 1, Baú da Vovó.

O Resgate Pela Arte

Luiz Eduardo de Carvalho

Feito de concreto, quase sempre,
um arquitetado e mero muro,
quando erguido, divide mundos,
impõe barreiras e separa os seres.

Com tanta gente apartada
pelo distanciamento social,
pandemicamente afastada
pelo muro emergencial,
surge um de outra espécie:
erigido no parque Rio Branco
veio, ao que parece,
para unir a diversidade em bando.

Sobre o autor

Luiz Eduardo de Carvalho

São Paulo/SP

Escritor paulistano, dedica-se com exclusividade à produção literária há seis anos. Publicou sete títulos em livros físicos e oito e-books. Participou de centenas de concursos e prêmios literários e foi premiado em 37 deles.

Desabafo de um poeta

Wandersa Andressa da Silva Sousa

Sou um poeta com alegria,
Mas deixe-me expressar:
O que vivem a passar...
Os fazedores de poesia?

Olhamos o mundo diferente,
E quando vamos explicar...
Papel e caneta, acredite gente...
É a melhor forma de tentar.

Vivemos uma emoção,
Na hora de rabiscar,
Se acelera o coração,
Na ansiedade de contar.

Se for preciso a gente corre.
Só para poder mostrar...
Mas algo aqui dentro morre!
Quando não tens nada a falar.

É a famosa frustração?!?
É como comida sem sal...
Sua insossa reação...
É só dizer: Legal!
Voltamos cabisbaixo...
E também pensativo...

Acredite, por esse motivo...
Muitas poesias vão pro lixo.

De coração eu peço...
Que não deixem morrer...
Quem transmite vida em verso...
Quem tem o dom de escrever...

É uma grande arte...
Dádiva de quem pode ter,
Por nós teria em toda parte.
E mesmo tendo, poucos conseguem ver.

Tenho tanta poesia...

Só escolher e declamar...
Eu sei, eu poderia...
Mas resolvi desabafar!
O que vivem a passar...
Os fazedores de poesia.

Sobre a autora

Wandersa Andressa da Silva Sousa

Boa Vista/RR

Natural de São Domingos do Maranhão. Filha de pais separados. Exerce a função de vendedora. Escreve desde os 10 anos, gosta de ler e fazer poesias. Não tem nenhum livro publicado e nunca participou de concursos literários.

Mergulho

Victor Luccas Maffei Costa

O abraço
Quente como lavrado
Não mais dado
Virou traço

Na memória
De um outro mundo
Que depois disso tudo
Virou história

Porém, marcada a hora
As poucas palavras
As amarras, as máscaras
Logo irão embora

Por enquanto sonhamos
Com o som da Roraimeira
Com a cachoeira
E outros tantos encantos

Buscando força nos versos
Nas músicas, nas pinturas
Nas expectativas futuras
Aguardando o regresso

Do nosso banho de sol
Onde seremos
E comeremos
A nossa carne de sol

Tudo há de ir
E nesses sonhos espaçosos
Ficamos ansiosos
Esperando ouvir

Em algum lugar amanhã
O barulho
Do mergulho
Do matrinxã

Sobre o autor

Victor Luccas Maffei Costa

Boa Vista/RR

Natural do Rio de Janeiro. Exerce a atividade de estudante de Direito na UFRR. Não possui livros publicados e nunca participou de concursos literários.

Baile de máscaras

Vítor de Lerbo Carvalho

Um mundo à beira do colapso
O que era pele agora é cinza
Carnes amadas na leve brisa
Inalamos corpos em seu ápice

Apocalipse lento e relapso
Armadegom, circo de ranzinzas
Pestes que fomentam ojeriza
Afogadas em enganos crassos

Coração fugaz, pulmões pulsantes
Velhas macas, novos pacientes
Inferno triste até para Dante

Enfermos tantos, ateus e crentes
De mãos dadas nessa valsa arfante
Rumo à canoa de Caronte

Criminosos com as caras limpas
Baile de máscaras, e pensam
Vacinas tardias como bênçãos
Não falta ouro para quem garimpa

Ventos ominosos, caem grimpas
Que nossas veias não feneçam
Que o ar não traga o vírus ermitão
E que venham os frutos da nimpa

Nós, presos em nossas próprias mentes
Clausura profunda sem paredes
Sufocados pelos indecentes

Áugure; do futuro, o que vedes
Além do ranço sem precedentes
E da nova liberdade a sede?

Sobre o autor

Vítor de Lerbo Carvalho

São Caetano do Sul/SP

Natural de São Paulo/SP. Participa de revistas e jornais literários, além de antologias poéticas e de escrita ficcional, desde 2016, por editoras diversas e com participações em premiações literárias.

Dualismo

Paula Fernanda Sampaio de Sales

Entre a esperança idealista e o pessimismo enervante
Uma caneca de café pra produzir
Uma taça de vinho pra dormir
E um alívio cômico para o ânimo errante

Eu vejo os dias virarem semanas
Que viram meses e já são quase dois anos
Procrastino tanto quanto realizo planos
Adio, anoto e esqueço coisas tantas

Acordo cansada, praguejo
Pela tarde, mormaço
Assisto o ocaso
Mas evito o espelho

Há dias que não quero socializar
Nem ser vista e nem me ver
Quero me tornar quem desejo ser
Mas como realizar?

Sem medo de errar
Sempre tive o pensamento solto
Se meus erros me fazem tentar de novo
Vou chegar a algum lugar

Estou fazendo dos meus dias um equilíbrio
Existindo onde me couber
E enquanto eu não souber
Só vou me pedir o que achar possível

Remediando minhas feridas
Refaço mundos e fundos
Entre laços e luto
Entre perdas e conquistas
Sem desistir da poesia
E sem otimismo irrealista
Equilibrista da vida
Eu, artista

Sobre a autora

Paula Fernanda Sampaio de Sales

Boa Vista/RR

Natural de Boa Vista, Roraima. Exerce a atividade de fotógrafa autônoma. Escreve desde os 11 anos. Não tem livros publicados, embora tenha escrito dois: um de poesias, outro em prosa e vários outros em andamento.

Sol

Sicagbo Donald Akenou

O sol acordou com uma nova esperança
Esse raio de sol quente traz de volta nossa lembrança
Um novo dia cheio de mudança
O único remédio é a privança
Com privança temos segurança

A segurança poupou tua beleza
Beleza representada em Boa Vista nossa alteza
Alteza da paz com certeza
Certeza que a covid e uma baixeza
Baixeza diante da tua boniteza

Os cachorros de Boa vista latem com melodia
Montanhas de Tepequem lugar geológico e turístico
Natureza e vento suave de Rio branco
O som do lago do Robertinho alivia
Monumentos os pioneiros espaço artístico,
Arte e beleza para um produto alquímico
Ninguém negaria um copo de açaí nessa pandemia

O vírus trouxe a escuridão
Mas não tem nada de mais brilhante do que o sol roraimense
As flamas do sol protegem o povo boavistense
Tanta beleza em um lugar só, aproveitamos então
Viver também é arte, diz o marfinense
A geomorfologia de Roraima é arte diria Martin Lawrence
Aonde existirá vida, beleza e arte também existirão

Sobre o autor

Sicagbo Donald Akenou

Boa Vista/RR

Natural de Costa do Marfim. Exerce a atividade de estudante. Escreve desde os 22 anos. Não possui livros publicados e nunca participou de concursos literários.

Pandemia na Terra de Makunaima

Maria Lúcia da Silva Brito

Não! Não é fantasiei
Não é máscara de Carnaval!
É a pandemia que chegou!
A terra de Makunaima
Toda se transformou
Em uma nova Roraima.

A arte da fala
Já era múltipla
São muitos falares
Pessoas de tantos lugares.
Migrantes, refugiados, imigrantes,
Português e suas variantes
Inglês, francês, espanhol,
Línguas indígenas e tantas outras.
E, agora, mais o vocabulário da pandemia
Levando-nos a falar inglês.

Foi muito além do delivery
Chegou ao drive thru e take away.
Mas o povo não queria
O tal lockdown.
Espaços vazios: quanta tristeza!
Principalmente os educacionais.
Ah que falta faz ouvir o som

De pessoas em formação.
Quantos mestres nos deixaram...
Até as telas entristeceram
Com a partida de Cardoso.

O inverno amazônico forte
Parecendo lágrimas de Makunaima
Chorando pelos filhos do norte:
Roraimenses e roraimados.
O povo clamando
Em diferentes crenças
Todos buscando uma luz,
Uma esperança.
Queremos vacina!
Temos vacina!
Viva a ciência!
Viva o SUS!
MAS...
Cuidado com a intolerância
Com tanta arrogância.
Agarre-se à esperança.
Viva com segurança.
Volte a ser criança.
Sim! Criança!
Ah! As crianças!

Acordam todos os dias
Perguntando com alegria:
Já posso sair?
Quero ver arte!
Fazer arte!
Ser a própria arte!
Arte de brincar,
Desenhar e pintar,
Cantar e dançar.
E então ao mundo me revelar.

Sobre a autora

Maria Lúcia da Silva Brito

Boa Vista/RR

Natural de Santos Dumont, Minas Gerais. Roraimada. Escreve poemas, contos e crônicas desde a adolescência. Já publicou na coleção Curumim da Editora da UFRR e participou do concurso Sarau Brasil 2019.

A vida que não vivi

Jéssica Julie Pedrosa Melo

De pés descalços
Descendo pela beirada do rio
Penso na vida que não vivi
Nos banhos que não tomei
Do mormaço que não senti queimar

Minha boca sente o gosto da tucumã
E lembro das comidas da minha vó
Que não aproveitei como quis

O igarapé me é quase um sussurro de memória
Da água gelada batendo nos ombros
Os pés sentindo as pedras no caminho

Sinto falta de toda a vida que não vivi
Da vida que me privaram
E de dentro de casa
Imagino
Como seria voltar a correr no pasto
E ver o arroz crescer

Olhar o sol se pôr
As nuvens, desenhadas por pincéis
Incapazes de se descrever
O céu, que não é laranja, como devia ser

Vejo tudo da minha janela
Imaginando o dia
Que vou poder ver além

Sobre a autora

Jéssica Julie Pedrosa Melo

Boa Vista/RR

Natural de Fortaleza, Ceará. Estudante de psicologia na UFRR. Autora independente, escreve desde os 08 anos. Possui um livro publicado e participou de inúmeros concursos literários.

Águas Passadas

Vitória Katherynne da Costa Holanda

Ouvi o pequeno rumor se formar
"A treva vai nos alcançar"
Todos iremos guerrear
Até o dia findar

Ao invés de uma espada ganhar,
Puseram paredes a me cercar
Para minha vida preservar
Os de branco iriam lutar

Me cercam paredes de vidro.
A mim parece um martírio.
O mar me tiram. É um castigo.
Mal sabia eu, era um alívio.

Meu aquário, meu novo abrigo.
Águas me segredam o íntimo.
Me ilude pensar que é infinito.
Tudo vejo. Tudo sinto. Grito.

Somente paredes de vidro.
Nada exprimem. Agonizo.
O cálido silêncio vivencio.
Queimo. Ardo. Suplico.

Somente paredes de vidro.
Não sei nadar. Estou perdido.
Estou no fundo. Eu findo.
Em mim mergulho. Vazio.

Um, dois, três, quatro, cinco...
Encontro o céu longínquo.
Não estou sozinho, alívio.
“Estou livre”, repito.

Agora eu vejo. Eu sinto.
Ao longe, outros abrigos.
Outras paredes de vidro.
Um cheio... Outro vazio...

O tempo passa. Eu assisto.
Um a um. Perco o vizinho.
Vejo meu vidro. Meu abrigo.
Me ampara. Me mantém vivo.

Me mantém vivo, mas aflito.
O tempo passa. Eu assisto.
Assisto tanto. Me adapto.
As paredes se vão. Eu fico.

Perco o chão. Delírio.
Removem o vidro.
Ou perco o vidro.
Eu medo sinto.

Na imensidão do mar, eu sei nadar?
Vizinhos vêm me encontrar
Vêm me embrulhar
Eu sei nadar!

Sobre a autora

Vitória Katherynne da Costa Holanda

Boa Vista/RR

Natural de Boa Vista, Roraima. Exerce a atividade de estudante de Letras Português e Espanhol na UFRR. Escreve desde os 09 anos. Tem publicação em dois livros de poesias, além de receber menção honrosa em concurso literário oferecido pelo curso de Letras da UFRR.

Eterna

Vitória Katherynne da Costa Holanda

Enquanto um novo vírus se
proliferava em meio a um povo
já emocionalmente doente,
a esperança agonizava,
mas resistia brava
no peito da nossa gente.

A arte através das tintas,
o amor pelo artesanato,
perseverança em forma
de grafite, fortalecendo
nossos pontos fracos.

Cangaceiros do Tianguá,
grupos de ciranda e boi-bumbá
nos mostrando que quando
todo o resto faltar a arte
ainda prevalecerá.

Sobre a autora

Vitória Katherynne da Costa Holanda

Maracacumé/MA

Natural de Paragaminas, Pará. Assessora Legislativa. Escreve desde os 16 anos, mas apenas recentemente veio participar de concursos literários. Inscreveu-se em 4 e aguarda resultado.



UFRR

PRAE

PRÓ-REITORIA DE
**ASSUNTOS ESTUDANTIS
E EXTENSÃO**

COORDCOM

COORDENADORIA DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL

